

ANNO XXV

PORTO, 15 DE AGOSTO DE 1903

NUMERO 16

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Pio X

Sua Santidade o Papa Pio X



inda ha pouco a Igreja vestia lucto rigoroso, pela morte do Egregio Pontifice Leão XIII, e já hoje canta hosannas, e se veste de gala, porque aprouve á divina Providencia, que subisse ao solio pontificio o Eminentissimo Cardeal José Sarto, que ao dia 30 do corrente era Patriarcha de Veneza.

Effectivamente, no dia 4 á tarde, por telegramma, recebido na redacção do nosso presado collega a "Palavra," e expedido de Roma ás 11 horas da manhã, soube-se que havia sido eleito Papa, tendo adoptado o nome de Pio X.

Vê-se, pois, que o Sacro Collegio quiz escolher para o lugar do successor de S. Pedro não um diplomata, mas um pastor, um homem de Deus, sendo procurado no exercicio da vida apostolica.

Nasceu José Sarto em Riese, diocese de Treviso (Italia) no dia 2 de Junho de 1835, sendo filho de paes remediados. Fez brilhantes estudos no seminario de Padua, e ordenou-se sacerdote na cathedral de Castel-franco, no dia 18 de Setembro de 1858.

Foi pouco depois nomeado parochio de Tombo-lo, e, passados tempos, foi transferido para a freguezia de Salzano, onde tomou posse em 1867.

O bispo de Trevizo que apreciava as virtudes e o saber do parochio de Salzano, fel-o conego da sua cathedral, sendo depois nomeado Vigario geral, chanceller da camara ecclesiastica, director espiritual do seminario, examinador pro-synodal, e juiz do tribunal ecclesiastico. Por fallecimento d'esse bispo, foi elle eleito pelo cabido vigario capitular da dita diocese, *sede vacante*.

No dia 10 de Novembro de 1884, foi nomeado bispo de Mantua, sendo sagrante o cardeal Parochi, que apreciava os dotes do novo prelado, e que por isso se offereceu espontaneamente para o sagrar.

Quando se despediu de Treviso, todos choraram pelo antigo governador do bispado, cuja bondade, caridade e singeleza a todos havia captivado.

Sua Santidade o Papa Leão XIII que tambem havia reconhecido o zelo e as virtudes do bispo José Sarto, nomeou-o cardeal no dia 12 de Junho de 1893, sob o titulo de S. Bernardo das Thermas. E, a 15 de junho, no consistorio seguinte, preconisou-o Patriarcha de Veneza.

Se na sua sahida de Treviso para Mantua, deixou a todos penalizados pela sua ausencia, muito mais ficaram agora em Mantua, onde se havia consagrado a levantar o espirito sacerdotal, e a reformar os estudos e a educação do seu clero. Ahi havia promovido tambem, com grande exito, os cénenarios de Santo Anselmo e de S. Luiz Gonzaga.

Suscitou-se depois uma questão entre a Santa Sé e o governo italiano, pois que Crispi entendia

que a Italia, tendo herdado os antigos privilegios concedidos pelos Summos Pontifices á republica de Veneza, devia ser ella a nomear os seus Patriarchas. E por isso não deu o *exequatur* á nomeação do novo cardeal para aquelle logar. Provando-se depois, que o Patriarchado de Veneza era a continuação do antigo e celeberrimo Patriarchado de Aquiléa, e que á Santa Sé era concedida a sua nomeação, submetteu-se afinal o governo italiano, e o cardeal Sarto pastoreou pacificamente a sua igreja.

E era ahi amado e estremecido por todo o povo, por causa da sua modestia, e affabilidade, e por causa da santidade dos seus costumes. Elle pagava-lhes no mesmo tom, não lhes regateando as suas benções, e nunca a sua mão se levantou para ferir, mas apenas para abençoar.

Os gondoleiros saudavam-no respeitosa e á sua passagem, quando elle, dentro da sua gondola archiepiscopal, deslisava pelas aguas tranquilas d'aquelles canaes da rainha do Adriatico, abençoando-os. Diziam elles, uns para os outros, que se elle um dia fosse Papa, mandar-lhes-ia abrir as portas do paraíso, só para ter o prazer de mais uma vez os encontrar e abençoal-os de novo.

Como viram os leitores, nunca o cardeal Sarto foi politico, nem andou pelas nunciaturas, nem pelas chancellarias. Foi soldado raso do exercito dos sacerdotes catholicos e subiu todos os postos, sempre, em effectivo serviço, até chegar ao logar de general em chefe.

Poucas vezes vinha a Roma, e essas poucas só em serviço da Igreja, a que inteiramente se havia devotado.

Leão XIII apreciava-o e amava-o de veras, chamando-lhe por vezes o *candidato della Serenissima*.

Na sua ultima visita ao Vaticano, Sarto fallou do respeito, da veneração votados pelos venezianos ao chefe da christandade, accrescentando que em nenhuma parte, como em Veneza, se faziam votos mais fervorosos pela longevidade de Leão XIII.

Então Sua Santidade, o Papa ultimamente fallecido, disse-lhe que em breve seria chamado pelo Senhor, mas deixava sem o menor pezar, a auctoridade divina n'este mundo a outra creatura menos indigna do que elle, d'essa esmagadora honra. E que afinal talvez fosse elle quem lhe succedesse.

Ficou o cardeal admirado, e disse-lhe que isso seria tarefa superior ás suas forças. Mas o Papa accrescentou: — Sei, meu filho, que pelas vossas preciosas qualidades, podeis prestar grandes serviços á Igreja.

E Deus deu plenissima razão ás palavras do seu Vigario na terra, pois permittiu que dentro em pouco recaihsse no cardeal Sarto os votos do Conclave, fazendo com que elle fosse o successor do Papa fallecido, e por conseguinte o successor do Apostolo S. Pedro.

Deus dê larga vida e innumeradas venturas a Sua Santidade o Papa Pio X!

Artigo politico

Continua a ausencia completa de noticias politicas, com o que pouco perdem os nossos queridos leitores. Acontece todos os annos a mesma coisa, quando, depois de fechado o parlamento, entra a quadra estival, e tanto os ministros, como os diplomatas e os deputados trocam o bolicio da capital pelo socegado remanso das thermas ou das praias.

Falla-se muito este anno da importancia que deve ter a Conferencia interparlamentar da paz, que deve realisar-se em Vienna d'Austria nos dias 7, 8 e 9 do proximo mez de Setembro.

O grupo parlamentar austriaco já enviou cartas de convite aos membros da camara portugueza, remetendo igualmente os mappas dos caminhos de ferro, para que o deputado que queira assistir á Conferencia possa escolher o respectivo itinerario, pois que fica isso á sua escolha, tanto para a ida, como para a volta. Tambem são convidados os membros das familias dos conferentes, que podem assistir a ellas, em galerias reservadas, assim como tambem ás *soirées*, banquete, recita de gala etc.

São já muitos os deputados inscriptos.

A.

Rodolpho I o Grande

Imperador de Allemanha

Houve sempre no mundo, em todos os tempos, em todos os seculos, homens e mulheres grandes. Ainda mesmo n'esses seculos que constituem a idade media, a que vulgarmente se dá o nome de tempos de obscurantismo, de trevas, de ignorancia, de ferro.

Eu não fallo de homens grandes pela sua estatura, que dos taes com certeza houve maior numero antigamente, em algumas nações, se bem que não é menos certo o ter sempre havido homens mais ou menos corpulentos, como nos tempos modernos. Fallo de homens grandes pelo espirito e pelo coração.

Grandes, sim, pelas suas acções, pelos seus talentos, por suas eminentes virtudes, segundo o seu estado social.

E a superioridade de que gosaram no seu tempo, é reconhecida por todos, está consignada na historia, e já os seus contemporaneos os condecoraram com o appellido de Grandes.

Encontram-se homens d'este volume entre os Pontifices de Roma, entre os monarchas, entre os generaes, entre os sabios, em todo o genero de sciencias e artes.

No ultimo quartel do seculo XIII devemos contemplar como um dos homens mais illustres d'essa epocha o imperador de Allemanha. Rodolpho I, que com toda a razão teve o titulo do Grande, por suas victorias, por seu heroismo, e ainda por suas altas virtudes religiosas. Este glorioso principe foi o fundador da Casa de Austria, e era conde de Habsburgo no momento em que cingiu o diadema imperial: foi a 29 de setembro de 1273.

Falleceu a 1 de agosto de 1291: e é por esta razão que hoje fallo d'este grande monarcha. Falleceu com a reputação d'um dos mais bravos guerreiros e dos maiores politicos do seu seculo, e não se distinguiu menos em piedade. Elle viveu no mesmo seculo, sendo contemporaneo, de S. Luiz, rei de França, e de S. Fernando III, rei de Castella.

Rodolpho era apenas conde, e andava á caça n'um monte, quando alli passou um sacerdote que conduzia o sagrado viatico a um enfermo. Apeou-se immediatamente o principe do cavallo que montava, fez subir o Padre e

acompanhou-o a pé até á casa do enfermo. E nunca mais retomar o seu cavallo.

Alguns dias depois Rodolpho encontrou um piedoso eremita que lhe vaticinou a sua elevação ao throno imperial.

Assim se verificou, havendo, porém, um longo interregno depois da morte do imperador Frederico II em 1250. Varios principes da Europa pretenderam a corôa do imperio, e alguns effectivamente tomaram esse titulo; mas nenhum d'elles conseguiu obter a corôa, nem possuir de facto a dignidade.

A'ê que, finalmente, echoando por toda a parte a fama das acções illustres e eminentes qualidades moraes que adornavam o conde de Habsburgo, os eleitores do imperio germanico, por unanimidade, o designaram para imperador. Foi eleito, como já disse, a 29 de setembro de 1273.

Segundo a opinião do Padre Barre, da Companhia de Jesus, varão doutissimo, o imperador Rodolpho, é o tronco genealogico de todas as casas soberanas da Europa que existiram até ao seculo XVIII.

Rodolpho o Grande. . . Sim, o Grande; e poucos, mais justamente do que elle, foram assim denominados na historia, e nenhum no seu tempo pôde ser lhe comparado, no meio social em que representou.

E quantos homens se teem chamado grandes sem merecerem essa honra, porque realmente nada praticaram digno de memoria eterna?

Vem aqui a proposito—e seja dito como em parenthesis—o facto seguinte acontecido na Hespanha, no reinado de Philippe IV, sendo seu primeiro ministro o conde duque de Olivares. Propoz este que se desse ao rei o titulo de Grande, para assim assignalar a sua administração.

Mas, passado tempo, o ministro tornou se aborrecido dos nobres e geralmente da nação hespanhola, e cahiu em desagrado do mesmo rei que o demittiu e exilou da côrte.

No dia seguinte appareceu affixado no palacio um escripto que dizia assim:

«Agora é que tu és Philippe o Grande: o conde duque te faria pequeno.»

E a posteridade fez desaparecer o tal titulo dado a Philippe IV, e até na mesma Hespanha não foi admittido.

Não quer isto dizer que Philippe IV não tivesse boas qualidades: tinha com certeza: era bondoso, affavel, bastante illustrado, e até amou e cultivou as lettras: mas pelo seu governo, não mereceu o titulo de Grande.

E agora voltemos a Rodolpho, imperador de Allemanha, que por espaço de 18 annos de governo foi a gloria da sua nação e do christianismo. Com razão muitos auctores o põem em paralelo com Alfredo, rei de Inglaterra, tambem cognominado o Grande.

Em seguida á sua eleição, Rodolpho celebrou um tratado com o Papa Nicolau III, pelo qual se obrigou a defender os direitos da Santa Igreja romana e a proteger com o seu poder a religião catholica. E elle assim o cumpriu.

Teve guerras, mas sempre sahiu triumphante dos inimigos do imperio e da Igreja. Tomou por armas a Cruz do Calvario, e entrou nas batalhas invocando o Nome de Maria, Mãe de Deus.

Concluo com as seguintes palavras de Lourenço Berti na sua *Historia ecclesiastica*:

«Depois de pacificada toda a Allemanha, morreu Rodolpho, principe piissimo e invictissimo, no anno de 1291, a 1 de agosto.»

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO da Cruz.

LITTERATURA

A creada do commendador

I

Camilla, a velha Camilla, era ha trinta e cinco annos, creada em casa da familia do commendador Lousada.

Havia para lá entrado aos quinze e já tinha completado cincoenta annos.

E apesar, de ter um genio especial, de resmungar um pouco, quando as coisas não corriam á sua feição, e de parecer que fazia certas coisas de má vontade, era ainda assim, o que se póde chamar uma boa creada.

Desde que entrara para casa do commendador, apenas sollicitara cerca de cinco mil reis das suas soldadas, que conservava depositadas na mão do patrão; e isso, com muito custo, e para valer a pessoas da sua familia.

Os patrões mostravam saber estimal-a.

Tambem quando, em pequenas reuniões de familia, alguma senhora, visita da casa, fallava na difficuldade em se obter actualmente uma boa creada, queixando-se das suas infidelidades, das grandes demoras quando saiem á rua, e d'outros defeitos oriundos da pessima educação popular, não deixava de elogiar a boa Camilla, perola das creadas d'esta cidade. A ama concordava com tudo, apesar de pôr em evidencia, que, não obstante tudo isso, tambem lhe aturava alguns modos azedos, e acrescentava, com um sorriso enigmatico e significativo:—«é bom que fiquem sabendo, que nem tudo o que luz é ouro».

II

Dissemos que a creada havia entrado para aquella casa aos quinze annos, e era verdade.

Aos vinte, porém, começou a entreter relações com um rapaz da sua terra, que viera servir para uma casa, cuja familia estava em contacto intimo com a familia dos seus patrões.

Chamava-se elle Francisco, e tinha a mesma idade da Camilla. No anno seguinte entrou no recrutamento, foi apurado na inspecção e teve de sentar praça, tendo seguido para infantaria 12, aquartellado na cidade da Guarda, onde residia a sua familia.

Camilla chorou muito pelo seu noivo, mas teve de resignar-se, porque elle, no dia da despedida, prometten não só que nunca se esquecia d'ella, mas que lhe escreveria sempre.

Effectivamente oito dias depois da partida, recebeu a rapariga uma carta do namorado, em que lhe participava que estava de saúde, apesar das muitas saudades que tinha d'ella, e lhe indicava a direcção que havia de dar ás cartas que lhe houvesse de escrever.

A patroa, que lhe leu esta commovente carta, ficou logo encarregada de lhe responder no mesmo sentido, não se cansando a pobre rapariga de lhe pedir, que não se esquecesse de dizer, que ficava sempre, saudosa, á espera d'elle.

Não houve, porém, resposta áquella carta. Mas não era Camilla mulher que esmorecesse por tam pouco.

—Se não escreveu,—monologava,—é porque não pôde. E' preciso tornar-lhe a escrever.

E d'ahi novos e insistentes pedidos á patroa, que ficou encarregada de continuar a escrever-lhe. E como o ingrato continuasse a não dar signaes de si, pedia-lhe a inconsolavel que lhe incluísse dentro a respectiva estampilha, porque poderia ser—concluía ella,—que o pobre não tivesse dinheiro para a comprar... Se ganham tam pouco os soldados!

III

—Não veio carta?—perguntava ella todos os dias á patroa.

—Não,—respondia ella invariavelmente. Não tens que ver; o rapaz era um valdevinos. A estas horas trocou-te por outra, e não mais se lembra de ti.

—Mas nem ao menos me escreve uma linha! suspirava ella, custando-lhe a conter as lagrimas.

—E' o que estás vendo!... os homens são todos assim. O que deves fazer é esquecer o.

Mas a Camilla não o esquecia.

Assim decorreram dois annos.

Ao fim d'esse tempo soube a pobre rapariga, por uma vizinha da terra que veio ao Porto, que o seu Francisco havia casado com outra.

Trez dias nem comeu, nem bebeu, chorando copiosamente. Resignou-se todavia, porque tudo n'este mundo tem um termo, e porque a ama se mostrou muito carinhosa para com ella, matando ella propria uma gallinha, para lhe dar uns caldos substanciaes, e augmentando-lhe mais cinco tostões á soldada, de forma que, de dois mil reis mensaes que ganhava, passou a receber vinte e cinco tostões.

E assim decorreu o tempo, e assim foi envelhecendo a pobre Camilla, convencida de que o melhor que tinha a fazer era conservar-se n'aquella casa, em quanto fossem vivos os patrões que tanto a estimavam.

E quando ella, de longe a longe, via uma rapariga a namorar, sorria-se interiormente e dizia de si para si, lembrando-se da maneira como fóra tratada:

—Estás bem servida, cachopa! Fia-te n'elle e verás o que te succede.

IV

Tinha a patroa uma filha casada, com um medico, subdelegado de saúde, n'uma formosa villa, pretencente ao concelho de Coimbra.

E de tempos a tempos vinha a filha com os seus filhos, outras vezes em companhia do marido, passar algum tempo em casa da mãe.

A principio, emquanto a boa da Camilla era nova, tudo corria bem, e nenhum desgosto lhe causava o augmento de trabalho com aquelles novos hospedes, mesmo porque a recém-chegada trazia ás vezes creada para a servir.

Agora, porém, que a creada se achava velha, já lhe custavam a aturar os netos da patroa, que lhe entrava pela cosinha e lhe mechiam em tudo.

De mais a mais havia agora maior numero de creanças, vindo uma ainda ao collo, amamentada por uma ama, robusta rapariga de Bragança, alta e leira, de grandes ancas e volumosos seios.

Um dia foi encontrar a pobre da rapariga a escrever uma carta.

—A quem está a menina a escrever?

—Ao meu noivo.

—Ainda é de bom tempo! Deixe-se d'isso. Coma e beba, e deixe os homens que são uns ingratos!

—O meu José não é um ingrato, snr.^a Camilla. E' o pae do meu filho, e ainda espero casar com elle.

—Hade casar tanto, como eu casei com o meu namorado.

—Olhe, snr.^a Camilla, eu teinho mais finura qua você teve. Perceba-me, como quizer. Eu escrevo as cartas, e vou levar-as ao correio, não me fio em ninguém. E ás horas da distribuição das cartas, vou eu pessoalmente buscar-as. Não que, Paulino tem olho, percebeu, snr.^a Camilla?

—Mas então? Eu escrevia sempre ao meu Francisco, e só tive uma unica carta d'elle.

—E você sabe isso com certeza?

—Pois se era a minha senhora que escrevia as cartas, e nunca teve resposta d'ellas!

—Quer que lhe diga, como as coisas se passaram? A sua senhora escrevia as cartas, mas rasgava-as depois e deitava as fora. E quando o seu namorado lhe escrevia, lia as cartas, mas não as entregava.

—Como sabe você isso?

—Como o sei? Ouvi-o contar á minha ama a quem a sua o contou.

—Mas porque fez ella tudo isso?

—Porque fez? Para você não sair d'aqui. Se você casasse com o seu namorado, ia para a terra, e ella ficava sem o seu serviço e a sua companhia.

Ficou a Camilla a scismar toda a tarde e toda a noite. Aquella *amisade* da patrôa surpreendeu-a a principio, e depois indignou-a. Não porque lhe tirasse o casamento, porque isso agora pouco lhe importava, visto que a idade a tinha afastado muito das questões do coração, mas porque lhe tinha roubado o dinheiro que dera para as estampilhas!

B. A. LEMOS.

ESTUDOS

O Luxo para Deus

Ha ideias religiosas muito simples na sua essencia e que é quasi impossivel fazel-as comprehender, já não digo aos incredulos, o que seria quasi natural, mas aos crentes, o que é realmente menos.

Quantos e quantos catholicos praticos se mostram enfiados todas as vezes que se lhes falla da vida contemplativa e afinal apresentam-nos a inevitavel phraee: «Aprecio muito bem os serviços que prestam os filhos de S. Vicente de Paulo e as Irmãs das Pobres, mas não vejo a utilidade que possam ter essas ordens como es Carmelos e as Trappas»; e, por pouco que se lhes dêem, elles ajuntam ainda: «Evidentemente, porque não fazem nada.»

Para estas pessoas, effectivamente, a expiação dos peccados dos outros pelas mortificações e pelas penitencias e o louvor de Deus pela recitação regular do officio são tarefas ociosas e occupaões vãs; e é sem duvida por isto que as communidades que não vivem na vida activa, como as Clarissas, são na maior parte das vezes excessivamente pobres. Nada se lhes dá, como ás outras, porque isso seria dinheiro perdido, dinheiro que não traria beneficio algum visivel, nenhum resultado palpavel, antes da morte.

Mas entre estes conceitos mysticos tão pouco intelligiveis para a maioria das ovelhas, ha um mais obscuro, mais fechado ainda, se é possivel—o do luxo para Deus; n'este ponto de vista, a ordem Benedictina, cuja rasão de ser na Igreja é justamente rodear o Salvador de todo o luxo, de todo o conforto possivel, se póde dizer-se, é d'entre todas seguramente a que suggere os enganos mais certos e as ideias mais falsas.

Como eu escrevia na *Cathedral*, o «fim verdadeiro do filho de S. Bento é psalmodiar e cantar o louvor divino, é fazer aprendizagem aqui do que ha de fazer lá no alto, celebrar a gloria do Senhor em termos inspirados por Elle proprio, n'uma lingua que Elle mesmo fallou pela voz de David e dos Prophetas... E' uma obra de regozijo e de paz, um adeantamento de herança sobre a successão jubilar do mundo d'além, a obra que mais se approxima da dos puros Espiritos, e a mais sublime que existe sobre esta terra.»

Ajuntarei agora que estas psalmodias e estes cantos

fazem parte d'um conjuncto de ceremonias, e são acompanhadas de gestos e praticas seculares, de ornamentos e objectos particulares cujos symbolos permittem á Igreja enunciar e manifestar o seu amor para com o Esposo; e este conjuncto, este todo, é a Liturgia.

Os Benedictinos, portanto, celebram o officio liturgico, não como elle é estropiado na maior parte dos cabidos por chantres que, uns do lado da Epistola, e outros do lado do Evangelho, cospem e expectoram montões de versuculos, mas sim como elle deve celebrar-se, com fervor e respeito, com sciencia e cuidado.

Para elles o executarem d'este modo, foi-lhes preciso a principio, além d'uma direcção e d'uma cultura d'alma especiaes, reformar numerosos usos e desembaraçar-se antes de tudo d'essa musica sem arte que os mestres de capella se obstinam ainda a confundir com o verdadeiro cantochão.

Depois, ao mesmo tempo que restauravam a musica da Igreja, procuravam tambem os contornos dos objectos do culto, detericrados pelo mau gosto dos tempos, tornavam a usar a forma abolida das casulas da Edade Media, julgando sem duvida que estes mantos modernos de cartão, agaloados e bordados com uma cruz d'ouro, e que cahem a direito depois de terem desenhado uma orelha asinina, inclinada, como que á escuta, sobre os hombros do padre, não revelavam um sentido bem evidente de arte; e fizeram o mesmo para com as côres das vestimentas sacerdotaes, substituiram o vermelho e o verde crú, o branco deslavado, o violeta vinoso e o ouro bruto, que fazem das costas do officiante um alvo de soffrimentos para a vista, pelos tons delicados e defeitos, pelas caricias das tintas liturgicas d'outr'ora.

Quizeram que a Belleza suprema fôsse adulada pelo que sobreviveu de supraelevado no homem após a Culpa, por esta inspiração, por esta arte que Santa Hildegarda definiu «uma reminiscencia semi-apagada d'uma condição primitiva de que nós fomos despojados desde o Eden.»

Assim como, exprime muito nitidamente o Padre Dom Besse n'um interessantissimo livro de enthusiasmo, «O Monge Benedictino», sahido da Abbadia de Ligugé, «a construcção e ornamentação das igrejas monasticas e o character artistico dos objectos consagrados ao culto não importam menos á regeneração social d'um paiz do que a erecção das escolas e dos hospitaes e do que o estabelecimento de casas de missionarios.»

E elle attesta ainda que «a fealdade causa horror aos Benedictinos.» Elles vêem n'ella, diz, «uma desordem, um não s i que peccado cuja presença no templo ou á sua sombra fere o olhar dos anjos, ao passo que a arte é como que o reflexo da belleza do ineffavel Jesus.»

D'ahi, a pompa dos officios Benedictinos, os seus cantos magnificos, os seus esquadrões de monges, evolucionando com uma precisão extraordinaria; d'ahi, o apparatus das liturgias, a opulencia das ceremonias, o trajo sumptuoso do Abbade cujo baculo é muitas vezes de marfim burilado e cuja mitra acha-se d'ordinario incrustada de gemmas.

Esta ideia do homem offerecer A'quelle que ama, A'quelle a quem deve amar, o que elle tem de melhor, parece-me perfeitamente justa e perfeitamente clara; mas nem todos o comprehendem assim, e, já que estou cansado de debater-me sobre este assumpto com padres e leigos, quero responder d'uma vez para sempre áquelles que, depois de terem visitado Solesmes, exprobram a este mosteiro o luxo das suas novas construcções, a gala dos seus officios canonicos, o esplendor dos seus pluvias e das suas mitras.

Um bom Cura murmurava um dia ao sahir d'este claustro: «Graças a Deus, ha de tudo aqui, menos mise-

ria!» Não a ha ahí effectivamente, e não ha motivos para que a haja, pois que o papel dos Benedictinos não é, como o d'outros institutos, o de praticar macerações e viver de esmolas.

E' preciso portanto compenetrarmo-nos bem de que as obras da Egreja são as mais dissemelhantes e as mais variadas, que ha comunidades de assistencia e de educação, de propagação e de predica, de expiação e de penitencia, de alegria e de louvor; todas tem a sua rasão de ser e todas cumprem o seu fim; mas no emtanto o aspecto de cada uma d'ellas differe. A pobreza das capellas, os tocheiros de pau e os vidros incolores dos Trappistas e das Clarissas são tão naturaes n'estes prototypos de austeridades e de sacrificios como o luxo da egreja nos monges negros, que se entregam mais particularmente a uma existencia de trabalhos espirituaes e de officios.

(Trad. de P.)

HUYSMANS.

DE TUDO UM POUCO

Calendario :

Agosto
15
1903

Faz 708 annos, que nasceu em Lisboa o grande thaumaturgo portuguez, Santo Antonio (1195).

Quando no dia 15 de fevereiro, publicamos n'esta secção que fazia n'esse dia 553 annos que fôra trasladado Santo Antonio para a basilica de Padua, promettemos que no dia de hoje, dia do seu glorioso anniversario natalicio, nos referiríamos mais detidamente ácerca do grande santo portuguez. Vamos, embora resumidamente, por mais não comportar o espaço de que dispomos, cumprir a nossa palavra.

Nasceu pois Santo Antonio, no dia 15 de agosto de 1195. Era filho de fidalgos, e foi destinado por seus paes a entrar como pagem na corte de D. Sancho I, o *Povoador*. Não o fez, porque o seu coração chamava-o para o templo, onde queria só e unicamente orar e viver para Deus, a quem havia consagrado a sua vida. Entrou, pois, como menino do côro para a Sé de Lisboa. Foi ahí, na mais tenra infancia, que fez o seu primeiro milagre, fazendo, para afugentar o demonio, que o tentara, uma cruz na pedra do côro, unicamente com o contacto do seu dedo. Ainda hoje existe essa cruz.

Depois professou no convento da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho.

Em 1220 entravam em Lisboa os corpos dos Santos Martyres de Marrocos, ahí trucidados, por defenderem a fé christã, sendo missionarios da ordem de S. Frãncisco.

Immediatamente passou para essa ordem por ser mais rigorosa a sua disciplina, e desde logo resolveu tambem ir missionar para Africa, afim de poder receber a palma do martyrio.

Resolvido a isso embarcou com destino a essas plagas ardentes, mas uma grande tempestade fel-o arribar ás costas de Italia. Tinha o santo 25 annos de idade. Por ahí se deteve, vivendo alguns annos em Padua, onde as suas virtudes, os seus muitos milagres, a sua grande sciencia e a sua eloquencia fez espantar o mundo, e ahí falleceu em 13 de Junho de 1231. O Summo Pontifice Gregorio IX que muitas vezes o ouviu e admirou, chamava-lhe a *Arca do Testamento* e o *martello dos infieis*.

Humorismos :

Em quanto n'um theatro lyrico um tenor cantava a aria d'uma opera, um dos espectadores da plateia, trauteava a mesma aria em voz bastante alta.

—Malcreado!— brada um sujeito, que, a seu lado se

estava dando a perros, por não poder gosar a bella voz do tenor.

—Isso é commigo?—pergunta o trauteador formalizando-se.

—Não senhor,—responde o outro—eu referia-me áquelle maldito tenor que me não deixa gosar as bellezas da sua linda voz.

*

Entra um amigo no gabinete de um escriptor, e exclama, mostrando-lhe um jornal:

—Leste o que dizem de ti?

—Bem ou mal?

—Mal.

—Então guarda o jornal. Eu só leio os elogios.

—E quando te offendem?

—Sinto não ser rico, para pagar a propaganda que me fazem.

Curiosidades historicas:

Agora, que, por occasião das noticias ácerca da longa doença do Papa Leão XIII se tratou do *conclave*, vamos dizer alguma coisa, ácerca d'essa instituição.

A palavra *conclave*, é de origem latina, e significa *camara fechada* e hoje quer dizer reunião do sacro collegio, para eleger um Papa. O conclave foi instituido em 1274 por Gregorio X, regularizando os decretos de Nicolau II, ácerca da sua nomeação, e Gregorio XV, em 1621 estabeleceu definitivamente as formulas, que, com algumas modificações de Pio IX, ainda hoje prevalecem.

Apoz o fallecimento do Summo Pontifice, o Cardeal Carmelengo, tira-lhe o anel do Pescador, que enfia no proprio dedo, ficando assim occupando a suprema hyerarchia da Egreja, *sede vacante*. Onze dias depois do fallecimento, assistem os cardeaes á missa do Espirito Santo, e encerram-se em conclave, n'uma das galerias do Vaticano, sendo tapadas todas as sahidas, e passados os alimentos por meio de *rodas*. Fica eleito o cardeal que conseguir obter os dois terços de votos reunidos.

Versos escolhidos:

Hoje a ver uma andorinha,
a embriagar-se de luz,
voar, voar, a doidinha,
por um momento suppuz

que as pontas das suas azas
eram pennas de escrever,
e o céu azul sobre as casas
era o papel... Puz-me a ler.

Oh! meu Deus! era verdade...
No seu voar incoherente,
eu soletrei de repente,
esta palavra—Saudade.

FERNANDO CALDEIRA.

COLLABORAÇÃO

A S. Ignacio de Loyola

O nobre capitão beligerante,
A patria defendendo,
Como quem nunca o medo viu deante,
No santo amor ardendo
Que faz heroes dos seus filhos fracos,
Romanos sejam, ou que sejam gracos.



Um quadro de Venezia

Ferido cae lá no ardor da lucta,
 E' louro dos valentes,
 Da arvore bella da batalha fructa,
 Que as glorias permanentes
 Em corpo e alma com o sangue grava;
 Essa ferida até infamias lava.

Mas ao que nobre fere no combate,
 Quando se viu ferido,
 No coração o patriotismo bate
 Com mais vigor movido,
 E com mais fogo pela patria amada
 A vida expõe ou quebrará a espada.

Assim o grande capitão medita
 No ensanguentado leito,
 Onde de pena o coração palpita
 D'amor pelo direito
 E pela gloria da nobre mãe amada,
 Em cujo collo em mar de rosas nada.

Mas d'um combate superior descobre
 Um campo esperançoso,
 Mais esplendente, mais fecundo e nobre
 De permanente goso,
 Onde passam alem do fim da historia
 Os louros do valor e da victoria.

E quando alegre esse horizonte toca,
 Destro de rumo muda,
 Auxilio do alto com fervor invoca,
 Forte na fé se escuda
 E com ardente devoção orando
 A Monserrat ancioso vae buscando.

O trajo rico de soldado nobre
 Lá na jornada troca
 Por outro humilde desprezível pobre
 Que no nojento toca:
 Não calha bem aquem favor pertende
 O que mui caro o negociante vende.

Toda soberba com praser se ostenta
 Toda virtude esconde
 O seu matiz que mais seu brilho angmenta
 Na soledade, d'onde
 A vaidade com rubor retira,
 Como do espelho da razão mentira.

O militar tão joven e valente
 Como mendigo pobre
 Muito feliz em Monserrat se sente:
 Porque melhor encobre
 O amor sublime em que ardente gosa
 E não pertende outra mais doce cousa.

A Biblia estuda e com Maria falla
 Devoto tão fervente
 Que nada do fervor a mente abala,
 Nada o coração sente,
 Que para gloria do seu Deus não seja
 E bem das almas, indo apoz da Egreja.

E o rude militar na tal escola
 Um livro tal escreve,
 Que as almas que meditam acrisola
 Com phrase clara e breve
 E tão profunda, tão subtil, vibrante
 Que o pé ninguem inda lhe pôz diante.

E sempre do clarim e da busina
 Ao som avança destro,
 Os pontos combinando da doutrina
 Com tão celestial estro,
 Que resultam na graphica harmonia
 Das bellas auras d'um formoso dia.

Mas só no mundo vê que pouco pode
 E que depressa passa
 E quer quem cabe e sabiamente pode
 E ao vicio guerra faça,
 Na vinha do Senhor perpetuamente
 Com valor, sciencia e caridade ardente.

E o plano concebeu da companhia,
 Compacta, forte e destra,
 Que estude e ore sempre noite e dia,
 Até que em lides destra
 Na fadiga se lance do combate,
 E almas p'ra Deus lucrar somente trate.

E o dextro capitão demanda sciencia
 Em Alcalá primeiro,
 E depois na Norbona, com tendencia
 A ir no mundo inteiro
 A procurar e de virtude exemplo
 Deixar, insciente, em aulas, rua e templo.

Em Paris nasce a companhia nobre
 Catholica e hespanhola,
 Inda pequena, ignorada e pobre,
 Com sangue de Loyola
 E com talentos do melhor quilate
 Por sobre o mundo brancas azas bate

E ao sopro da esperança forte e boa
 De virem salvar almas,
 De Roma aquem e desde aqui a Gôa
 Muitos batem palmas,
 A' hoje benemerita companhia
 Que então os seus trabalhos inicia.

Decorridos depois não muitos annos
 No templo, na cadeira
 E já na imprensa exemplos dão tamanhos
 Suares, Toledo, Vieira
 E Aquaviva de vida intelligente,
 Que o mundo se admirou, pasmou a gente.

E de muitos a inveja foi tamanha
 Aqui e alem dos mares,
 Que ofuscaram a luz d'essa montanha
 De tantos luminares,
 E sem justiça nem pudor clemente
 Cobrem com lama o lampadario ardente.

Mas o rescaldo conservou-se quente,
 E apenas suave vento
 O sopra favoravel levemente
 Arde em chamma ao momento
 E com ella nas aulas aos milhares,
 E no pulpito e na imprensa luminares.

E viva para sempre a companhia.
 Do capitão tão pobre
 Que ainda na Hespanha vale mais no dia
 Que o decantado nobre,
 O grande capitão chamado Cide
 Como aqui em S. Fiel e Campolide.

E n'este dia de memoria eterna,
 Para este povo crente,
 E para quem esta santa grei governa,
 Permite, Ignacio, intente
 Um pobre cantabro cantar louvores
 Ao heroe dos cantabros melhores.

Formiga, 20 para o 31 de Julho 1903.

DR. JOSÉ RODRIGUES COGAYA.

Hymnos da Igreja a Nossa Senhora

Pureza da Virgem SS.

I

Guarda das Virgens preclara;
 Sempre pura Mãe de Deus,
 Porta da celeste Côrte,
 Nossa esp'rança, goso aos céos;

Açucena entre silvados,
 Pomba de belleza subida,
 Vara da raiz brotando
 Remedio á nossa ferida;

Ao dragão impervia torre,
 Ao naufrago amiga estrella,
 Sêde-nos luz guiadora,
 E contra as fraudes tutela.

Dissipae as sombras do erro,
 Removei syrtes dolosas,
 Abri caminho seguro
 Ao que erra entre ondas irosas.

Jesus, da Virgem nascido,
 Sêde vós glorificado,
 E' o Padre e Espirito Santo,
 Por tempo nunca acabado.

II

Estrella de Jacob fulgida,
 Como o sol splendida aurora,
 Do que vós nada mais puro
 Entre os astros brilha ou mora.

De estolas brancas vestidos,
 Os celestes moradores
 Vos louvam, e santas virgens
 Cantam perennes louvores.

Reverentes offerecem
 Do jasmim, do lirio a flor;
 Mas o candor d'estes cede
 Do casto peito ao candor.

Aos doces hymnos dos Anjos
 Nossa terra os seus juntando,
 Aos astros a voz levante,
 Graças da Virgem pregoando.

Jesus, da Virgem nascido etc.

Trad. de A. MOREIRA BELLO.

QUESTÃO SOCIAL

A evolução do partido socialista

Vae augmentado de anno para anno o valimento e a importancia do partido socialista, se não em Portugal, pe- le menos em grande numero de paizes da Europa.

E' pela occasião das eleições, que não durante as *grèves*, que essa importancia se põe em evidencia. Podemos, para comprovar essa asserção, fallar nas ultimas eleições para deputados não só na Hespanha, como na Dinamarca e na Allemanha.

As eleições ao parlamento hespanhol deram ao socialismo 29.000 votos, isto é mais 3:600 do que nas eleições de 1891, em que a totalidade de votos socialistas foi de 25:400. Houve só um deputado socialista.

Seguem-se depois as eleições na Dinamarca, celebradas a 16 de Junho. D'ellas resultou a eleição de 16 socialistas, sendo apurados uma totalidade de 55:479 votos ou mais 12:532 do que se apurou nas eleições verificadas em 1901, onde a totalidade dos votos socialistas foi de 42.947.

E nas eleições da Allemanha, realisadas em 24 de Junho, obteve o partido 3.008:000 ou mais 901:000 do que nas ultimas eleições de 1898, em que se obtiveram 2.107:000.

Ahi foram eleitos 83 deputados socialistas, ou 25 a mais do que no ultimo *Reichstag*, em que o seu numero foi de 58.

Evendencia-se, que é no parlamento allemão que os socialistas teem maior representação. E note-se que em 1871 obtiveram só 124:700 votos, tendo 34 annos depois mais de 3 milhões, como se acaba de ver. Ora, sendo na Allemanha uns 8 milhões, a totalidade dos eleitores, segue-se que vão em caminho de obter a maioria, se os governos não obtiverem alguma lei que lhes seja desfavoravel.

Diz uma revista estrangeira, que temos presente, e d'onde extraimos os presentes apontamentos, que são socialistas todos os deputados eleitos pela Saxonia, e por Berlim e seus arredores, com excepção d'um só que venceu em Berlim por uma maioria de 374 votos.

Ora, tendo o *Reichstag* allemão 397 deputados, segue-se que presentemente ali quasi a quinta parte é socialista!

Isto, pelo que toca a numero, e a importancia em questões eleitoraes, pois no que diz respeito a *grèves*, está tudo ainda muito atrazado. As ultimas *grèves* da Hespanha deram um resultado contraproducente, pois que, em vista da resistencia dos patrões, tiveram os operarios de voltar ao trabalho, sem terem obtido os beneficios que imaginaram.

A.

AS NOSSAS GRAVURAS

Um quadro de Veneza

Estampa hoje o nosso jornal uma gravura, assim intitulada. Apresenta no centro a basilica e a praça de S. Marcos, e o palacio ducal. Em frente o Adriatico e as suas poeticas gondolas. Vem hoje a proposito esta gravura, por se saber que Sua Santidade o Papa Pio X foi Patriarcha de Veneza, e que officia ha 10 annos n'aquella basilica, tendo andado por muitas vezes em gondolas no Adriatico, e onde os gondoleiros o acolhiam sempre com effusão verdadeiramente filial. E' indiscriptivel o entusiasmo que hoje reina n'aquellas paragens, por se saber que o venerando prelado que tanto amou favoreceu e abençoou aquelles povos é hoje o Chefe visivel da Santa Igreja de Jesus Christo.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

S. João da Foz do Sousa, 5 d'Agosto—Festejou-se com luzida pompa no domingo (19 do passado julho) na parochial igreja d'esta freguezia, o Divino Coração de Jesus, esse manancial fecundissimo onde as graças abundam como as aguas crystallinas, correndo em jorros d'entre as penedias nas espaldas dos montes, essa lingua muda, mas eloquentissima que falla em segredo á nossa intelligencia, para nos recordar o amor do Filho da Virgem, essa fornalha ardente, mais brilhante que a luz do carbunculo, d'onde brotam chammias que escaldam, mas não queimam, que abraçam mas não consomem, que inflamam, mas não aniquilam. Foi esta a 14.ª festividade que se celebrou na dicta igreja.

Foi precedida de triduo, em que orou brilhantemente o rev.^{mo} Padre Manuel Soares Pinheiro de Sousa, dignissimo professor de Philosophia do Seminario de Nossa Senhora do Rosario dos Carvalhos, tratando em todos os dias da parábola do filho prodigo.

Disse o illustrado orador, no primeiro dia, que a divindia em tres partes.

Na primeira, ingratição do filho prodigo para com o pae, em casa do qual elle era tratado como um fidalguinho. Pediu-lhe o que a elle havia tocado da sua herança—ingratição do homem para com Deus. Na segunda, consequencias do peccado no homem ou da sua ingratição.

Consequencias do peccado no homem ou da sua ingratição para com Deus, não obstante os beneficios recebidos.—Na terceira parte, regresso do filho prodigo á casa paterna—Conversão do peccador a Deus.

De cada uma d'estas partes tratou em todos os tres dias.

O triduo foi sempre muito concorrido. O côro era feito pelo contramestre da musica de S. Pedro da Cova e por mais duas pessoas.

Tocava o órgão o dicto contramestre. O programma do triduo foi o seguinte: *Tantum ergo*, Deus in adiutorium meum intende, *Veni Sancte Spiritus*, sermão, *Ladainha* do Coração de Jesus ou de Nossa Senhora, *Genitori* e *benção*.

Em seguida no altar do Santissimo Coração de Jesus se cantava ora o Coração Santo, ou o *Viva Jesus*, ora o *Vinde a mim todos*, ou o *Céo é a minha morada*.

Tornou-se muito digno de louvor o snr. Martins Moreira Paiva, por ter permitido aos seus operarios que fossem ao triduo e festa e se confessassem, dando elle mesmo o exemplo.

Na vespera da festividade confessou-se e commungou muitissima gente, deixando de se confessar bastante por não haver tempo. Para esse fim estiveram na igreja varios Sacerdotes, ouvindo de confissão os associados do SS. Coração de Jesus e as creanças da primeira communhão.

O Rev.^{mo} Padre Pinheiro, apesar da predica foi incansavel no confessorario.

No dia da festividade houve á missa primeira a *sympathica* e commovente cerimonia da primeira communhão. O illustrado orador conseguiu arrancar lagrimas.

As duas meninas Maria Martins do Rio e Anna Martins Vieira houveram-se perfeitamente nos seus discursos de perdão. A seus paes, os snrs. Antonio Martins do Rio e Antonio Martins Vieira damos os parabens.

A festividade principal foi precedida de asperges. Houve missa solemne com o Santissimo exposto no throno, sermão de manhã, e antes da missa houve pratica e communhão geral. No fim da missa houve uma brilhante

procissão, em que iam os meninos e meninas da primeira communhão; os meninos vestiam opa com murça e as meninas de branco.

A' frente dos meninos e meninas um menino e uma menina hasteavam as bandeirinhas dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria.

Na dita procissão iam as bandeiras d'esta freguezia e as cruces d'esta mesma freguezia, de Jovim, S. Cosme e 13 anjinhos.

As ruas do transito estavam todas embandeiradas, e o adro além d'isso, adornado com jarrões, bambolins, etc.

Os zeladores em geral e as zeladoras são dignos de louvor.

Dous seminaristas srs. rev.^{os} diacono João de Sousa Ramos e Joaquim Gomes Vinhas prestaram os seus bons serviços sem remuneração alguma. De manhã na festividade em que o rev.^o Padre Pinheiro foi orador, prégou excellentemente sobre o amor do Coração de Jesus para com os homens e da generosidade do Coração de Jesus para com elles.

Receba parabens. Apesar de haver festa n'uma freguezia proxima, o povo era muitissimo e até da tal freguezia. De tarde ainda prégou o referido orador.

Na vespera da festividade houve officio, missa cantada e outras missas pelos asociaados fallecidos.

Faço votos para que esta devoção se espalhe cada vez mais, não só n'esta freguezia, mas pelo mundo inteiro.

E' este o mais ardente desejo d'este indigno servo do SS. Coração de Jesus.—A.

Lucto e regosijo—Celebraram-se na Sé Cathedral d'esta cidade, conforme haviamos prenunciado, solemnes exequias pelo eterno descanso da alma do grande Pontifice Leão XIII, havendo no dia 7 vesperas e matinas, e no dia 8 laudes e missa, seguindo-se as 5 absolvições do ritual.

No dia 13, pela uma hora da tarde, houve no mesmo templo, um solemne *Te Deum*, em ação de graças por ter sido elevado ao solio pontificio Sua Santidade Pio X:

Em ambas as solemnisações presidiu o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso, venerando bispo d'esta diocese, assistindo o rev.^o cabido, parochos das freguezias da cidade, presbyteros e seminaristas d'esta diocese, assim como uma escolhida e numerosa assistencia de fieis, em cujo numero sobresaíam as principaes senhoras da cidade e todas as auctoridades civis e militares.

Benção apostolica—No dia 5 do corrente o ex.^{mo} sr. Conde de Samodães enviou para Roma um telegramma em lingua italiana cuja traducção é a seguinte:

Em.^{mo} Senhor Pro-secretario de Estado.—Roma—O centro nacionalista portuense congratula-se com o Santo Padre pela sua eleição, e respeitosa e implora a benção apostolica para os seus membros.—*Conde de Samodães...*

Este telegramma foi respondido tambem em italiano, pelo modo seguinte, em traducção:

«Roma, 8 d'agosto, 8 horas—Conde de Samodães.—Porto.—O Santo Padre agradece os filiaes cumprimentos. Elle vos abençoa pessoalmente e a todos os membros do Centro Nacionalista.—*Pro secretario de Estado.*»

Exterior

A coroação—Roma, 9, ás 3 t.—Com todo o ceremonial do estylo e uma extraordinaria concurrencia de fieis e de curiosos, effectou-se hoje na Basilica Vaticana a solemne coroação de Pio X. Desde as 5 horas da manhã que as tropas italianas começaram a occupar a praça de S. Pedro. A's 8 e meia principiou a cerimonia, que se prolongou até á 1 da tarde. Quando o Summo Pontifice entrou na monumental basilica, sobre a *sedia gestatoria*,

que era conduzida por doze porta-cadeiras vestidos de velludo carmezim, estalaram as manifestações, dando-se clamorosos vivas a Pio X, agitando-se lenços, e procurando todos vêr o melhor possivel o imponente cortejo. Sua Santidade, muito pallido mas sorridente, suspendia o constante gesto de benção para indicar com a mão que se abstivessem de applausos tão improprios do logar. Foi o Cardeal Rampolla, arcipreste da basilica vaticana, quem recebeu o Summo Pontifice á sua entrada no templo; e, á frente do cabido e penitenciarios saudou Sua Santidade. A missa papal effectou-se ás 10 e meia. Pio X, que chegara ao templo revestido dos habitos pontificaes e com a mitra na cabeça, viera desde a sala ducal na *sedia* e recebeu, de pé, os cumprimentos do clero da basilica junto da porte santa. Logo que tomou assento no throno do alto cruzeiro, os cardeaes, arcebispos, bispos, penitenciarios, etc., prestaram-lhe as homenagens que indica o ceremonial.

Impressionou muito a assistencia que, como já disse, era extraordinaria, a queima symbolica da estopa diante de Sua Santidade, enquanto se cantava o verseto:

—«Santo padre, assim passam as glorias do mundo» (*pater sancte, sic transit gloria mundi*).» Antes da imposição da tiara, cantou-se o verseto: «A corôa de ouro sobre a sua cabeça» (*corona aurea super capus ejus*).» Foi o decano dos cardeaes diaconos, monsenhor Luigi Macchi, quem collocou a tiara sobre a cabeça de Pio X, ao mesmo tempo que dizia: «Recebei a tiara ornada com as tres corôas, e sabei que sois o pae dos principes e dos reis, o pastor do universo, o vigario de nosso salvador Jesus Christo, a quem gloria e honra são devidas por todos os seculs dos seculos».

Sem se levantar, Sua Santidade pronunciou com voz clara bem timbrada a seguinte formula: «Que os santos apóstolos Pedro e Paulo, no poder e na auctoridade dos quaes depositamos confiança, intercedam por nós junto do Senhor.—Assim seja.—Pelas orações e pelos merecimentos da bemaventurada sempre Virgem Maria, do bemaventurado Miguel Archânjo, do bemaventurado João Baptista, dos santos apóstolos Pedro e Paulo e de todos os santos que Deus omnipotente haja piedade de vós, e que, perdoados todos os nossos peccados, Jesus Christo vos conduza á vida eterna. Assim seja». Em seguida alteando a voz, Pio X proseguiu: «Que o omnipotente e misericordioso Senhor vos conceda a indulgencia, remissão e absolvição de todos os vossos peccados, a constancia de uma verdadeira e fructuosa penitencia, um coração sempre prompto ao arrependimento, a emenda da vossa vida, a graça e a consolação do Espirito Santo e a perseverança final nas boas obras. Assim seja.»

Harmoniosa e musical, cheia de fé e repassada de unoção religiosa, a voz de Pio X alteou-se ainda mais quando Sua Santidade pondo-se de pé cantou o seguinte: Que a benção de Deus padre omnipotente, do Filho e do Espirito Santo desça sobre vós e fique sempre convosco. Assim seja.»

A cada uma das tres palavras Padre, Filho, Espirito Santo, o papa traçou no ar uma grande cruz e ao cantar as ultimas «desça sobre vós» etc., ergueu as mãos ao ceu e pousou-as immediatamente sobre o peito. Sentou-se por fim. A coroação estava concluida e a multidão satisfeita. Com o mesmo ceremonial, Pio X retirou-se da basilica para o palacio apostolico, e os milhares de assistentes sahiram para a praça de S. Pedro, onde o sol cahia a prumo. Dentro do grandioso templo o calor era asphyxiante.

Houve manifestações identicas ás do começo da cerimonia. Nas respectivas tribunas, com traje de rigor via-se todo o corpo diplomatico junto da Santa Sé e n'outras tribunas muitissimas pessoas da chamada *aristocracia negra*, isto é, da côrte de Victor Manuel.

Razão Philosophica

E

Historica da minha crença e sua Applicação Social. Estudo feito por José Dias de Souza Calazans, medico cirurgião pela escola medico-cirurgica de Lisboa, antigo facultativo militar, facultativo municipal aposentado.

CONTINUAÇÃO

Pare aqui a razão, e retemperem-se na revelação. O que nos diz ella? que Deus, depois de ter creado o mundo, creou o homem; e para que? para lhe presidir. E disse:

«Façamos o homem á nossa imagem e similhaça, o qual presida aos peixes do mar, ás aves do ceo, ás bestas e a todos os reptis, que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra (1).»

Foi, portanto, para presidir á terra, ou governal-a, e a quanto lhe pertencia, que Deus creou o homem; diz literalmente a Escriptura. Mas não se poderá, ou mesmo não se deverá alargar, ou ampliar, este sentido? Vejamos.

Explicito no que é propriamente moral, o legislador dos hebreus no que é natural dá simplesmente uma idéa mais ou menos vaga e indeterminada, e tal como o podia apresentar á comprehensão dos seus educandos, a quem tinha somente por fim instruir moralmente; e é o fim, que o auctor tem em vista, que deve servir de norte á critica para julgar e apreciar a sua obra, assim como de luz á hermeneutica para a interpretar.

N'esta conformidade continuemos no exame da Escriptura.

«No principio creou Deus o ceo e a terra (2).»

Aqui temos a idéa de duas creações distinctas,—do ceo e da terra,—O que é o ceo?

Serão os astros?—Mas a terra tambem é um astro, e a idéa da sua criação não devia ser distincta da dos outros. Alem d'isto nós já sabemos, que existe o mundo espirital (capit. 1.º); e sendo o material creado no principio, aquelle com certeza não foi creado depois. O ceo, portanto, parece-me indicar aqui o mundo espirital. E como o mundo material não se reduz só á terra, e nem sequer ella é a parte mais importante, ou mesmo muito importante d'esse mundo, tambem me parece evidente, que aqui a parte é tomada pelo todo, e isto pela dobrada razão de que, não só o historiador sagrado não tinha por fim instruir os homens na sciencia da natureza, mas tambem porque tinha de se accommodar á comprehensão de quem instrua, a qual não passava do estado actual e aparente das cousas.

Como prova do peculiar procedimento do historiador o grado está ainda a criação do mundo, do modo como se acha no Genesis, criação que, como facto natural, ha de ser sempre para o homem n'esta vida um mysterio. Distribuida por seis dias (quer sejam dias, quer epochas, ou outra qualquer coisa, porque a palavra de Deus não tem que dar satisfação á sciencia dos homens) dá uma idéa generica de um facto natural, qual o da criação do mundo, sugaite a leis, que seguem uma certa gradação, e que lhe marcam um limite; e tem por fim: 1.º, fazer com que os homens reconheçam a Deus como Creador de todas as cousas: 2.º, dispol-os para a observancia de um preceito de importancia vital—o descanso do dia setimo—destinado exclusivamente, para utilidade do homem, a honrar e prestar culto ao mesmo Deus.

Isto posto, parece-me que se pode, sem fazer violencia ao sentido da Escriptura, suppor que o homem foi creado para governar e dominar não só a terra, mas to-

do o mundo material, e que este mundo inteiro foi a região, que lhe foi destinada para habitar. E' certo que a terra e todo o mundo material são regidos pelas mesmas leis; é certo tambem que o homem é o unico ser, que, fazendo parte d'este mundo, obedece a leis que lhe são superiores; ora, porque havia de ser só a terra, parte relativamente insignificante do mundo, a que se havia de estabelecer um regente de uma natureza superior? Se elle era pela natureza das coisas (o que fica provado) de necessidade para a parte, era-o tambem para o todo, porque entre a parte e o todo não ha differença de condições; e sendo assim onde encontrar outro, que preenchesse esse fim? Não existe outro alem do homem. E' essa a conclusão, a que as considerações, umas já expostas, outras que ainda se hão-de expôr, levam a razão. O mesmo texto da Escriptura, que examino, nos serve para provar, que o sentido litteral nos não deve prender, pois que é claro que o homem não preside á terra, nem a governa e domina; e sim lucta com a terra; o que é mais uma prova de que foi creado em condições superiores, o que nos leva á mesma conclusão. E sem que por isso deixe de ser o elo que liga o mundo material ao Creador pelas razões, que adiante exporei.

Mas a Escriptura falla em uma região, na qual Deus collocou o homem; poderá isso servir para resolver de um modo terminante a questão? Vamos ver.

«Ora o Senhor Deus tinha plantado desde o principio um Paraiso, ou jardim delicioso, no qual poz ao homem, que tinha formado (4).»

Aqui temos, a meu ver, outra idéa vaga de uma verdade natural. O que é, ou o que era, o Paraiso? um logar de delicias, diz a Escriptura; mas esse logar era na terra? Se era, occupava d'ella um espaço limitado, se quizermos tomar á letra a idéa, que d'elle na mesma se nos dá. Mas na Escriptura acha-se tambem, que Deus dissera ao homem:—«Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra.»—Se lhe ordenou, que se multiplicasse, e o destinou para por este meio encher a terra, como é que o foi encerrar em um logar limitado da mesma? Seria a terra toda um paraiso? Não é isso que se colhe da idéa que d'elle se dá; mas supponhamos que era; depois de cheia cessava a propagação, visto que o homem era immortal?—Se fora um livre pensador, que se desse a este exame, e a taes considerações, a consequencia seria bradar:—contradição, erro, absurdo!—mas um fiel quando topa taes embaraços, proclama:—mysterio! E como sobre a sua verdadeira intelligencia se não tenha feito ouvir a palavra infalivel da Igreja, procura, se isso convem ao fim, que tem em vista, esclarecel-o á luz da razão, se para tanto a fé lhe subministra o indispensavel auxilio, como me parece subministrar no caso, de que me occupo.

Disse, que no verso citado (8 do cap. II do Gènes.) se continha uma verdade natural, e essa verdade é: que foi destinada ao homem uma região para elle occupar, a qual reunia as condições, que lhe proporcionavam uma vida feliz e immortal; vida nas condições em que foi creado, e em que podia satisfazer ao fim da sua criação. E dão-se taes condições na terra? Em primeiro logar a immortalidade é incompativel com a constituição da terra; ora, a immortalidade era predicado da vida do Paraiso, logo este não podia ser na terra. Depois, ha passagens na Escriptura, que claramente o mostram; taes são as seguintes:

«E elle (Henoch) andou com Deus, e não appareceu mais, porque o Senhor o levou (2).»

(Continua)

(1) Gènes. I, 26

(2) Gènes. I, 1

(1) Gènes. II, 8

(2) Gènes. V, 24

A Imprensa

Em 1788 abre-se um novo periodo para o jornalismo britannico com a fundação do *Times*, (1) o colosso da imprensa ingleza que tão celebre se devia tornar. Quando este jornal se fundou existiam já em toda a Grã-Bretanha 58 jornaes; e desde então o seu numero foi crescendo successivamente, n'um continuo progresso. Assim, 33 annos depois, em 1821, a estatistica accusa já 166 jornaes para toda a Inglaterra. Um rapido olhar sobre as estatisticas posteriores estabelecem o character progressivo do desenvolvimento jornalístico em Inglaterra. Em 1831 existiam em todo o Reino-Unido 300 jornaes; em 1850, 623; em 1867, 1.300. Hoje o numero de publicações que saem de prelos inglezes calcula-se em 6.000, não comprehendendo as colonias.

Os jornaes e revistas litterarias teem em Inglaterra um vitalismo notavel. D'este genero o mais importante periodico é o *Atheneu*, grande revista hebdomadaria, collaborada pelas summidades scientificas do mundo inteiro. E' principalmente uma revista geographica, dando conta detalhada de todos os successos occorridos n'este ramo de sciencia, inserindo noticia desenvolvida de todas as descobertas, relações de viagens, etc. Se bem nos recordamos, foi no *Atheneu* que primeiro appareceu a narração da viagem do explorador portuguez Serpa Pinto. O *Atheneu* foi fundado por Buckingham e Sterling, dois grandes vultos da historia de Inglaterra, o primeiro distinctissimo politico, o segundo sabio eminente, e a sua fundação data de 1827.

Merece tambem especial menção o *Illustrated London News*, muito conhecido em todo o mundo, tendo uma tiragem, actualmente, superior a 200:000 exemplares.

O primeiro jornal litterario inglez foi o *Tatter*, de Steele, que acabou com poucos mezes de vida, sendo a sua appareção seguida de perto pelo *Spectator*, de Adinsson. Dos periodicos litterarios que hoje existem, os mais antigos são: a *Quarterly Review*, que data de 1809, e a *Edimburg Review*, do notavel Jeffrey.

O jornalismo politico diario da Inglaterra é um dos mais importantes do mundo, quer pela sua brilhante collaboração, quer pela sua factura. Sem fallarmos do *Times*, que merece capitulo áparte, citaremos como os mais importantes os seguintes: *Morning Post*, fundado em 1772, que é o jornal mais antigo da Inglaterra desde que o *Morning Chronicle* suspendeu a publicação, em 1859; *Daily News*, fundado em 1845 pelo illustre romancista Dickens, o popularissimo auctor dos *Contos do Natal*, do *Club Pickwick* e do *Homem e o espectro*; e o *Daily Telegraph* que, conjunctamente com o *Cornhill Magazine* operou uma verdadeira revolução no jornalismo inglez pela sua extrema barateza. O *Cornhill Magazine*, cujo custo era de um penny por exemplar, obteve desde o principio a excepcional tiragem de noventa mil numeros. Foi fundado e dirigido nos seus primeiros annos por Williams Tackeray, o conhecido escriptor inglez que escreveu o *Livro dos Snobs*.

Os jornaes satyricos teem grande voga na Grã-Bretanha, distinguindo-se pelo seu *humour* fino e leve. Além do *Punch*, o primeiro jornal que se publicou no genero, celebre pelos seus desenhos e satyras, existem o *Fun*, o *Judy* e o *Lloyd's New Paper*, este ultimo de fundação recente, mas que já sobrepujou o *Punch* pela sua

grande tiragem. O innovador d'este genero jornalístico em Inglaterra foi Yewald, que creou o *Punch*.

Na Dinamarca o primeiro jornal appareceu muito tarde, em 1663. Os seus jornaes foram a principio redigidos em allemão e em inglez e só no principio do seculo passado, quando a Dinamarca obteve consistencia politica, é que o jornal se desenvolveu, encontrando-se hoje em estado florescente.

Nos archivos da Suecia encontram-se jornaes dos meados do seculo XVII. Parecem ser os primeiros que se publicaram n'aquella nação. Os suecos cultivam o jornalismo com grande distincção, principalmente os jornaes scientificos. Existe alli um periodico diario importantissimo, o *Afontabled*, que conta mais de cinquenta annos de existencia.

Na Suissa, o jornalismo está desenvolvidissimo, o que não admira, sabendo-se que em cem cidadãos d'aquella pequena e modelar republica não ha dois que sejam analphabetos. E' o paiz da Europa onde, relativamente, se publicam mais periodicos. Os primeiros jornaes appareceram na Confederação Helvetica nos fins do seculo XVIII. Em 1873, nos 22 cantões da confederação publicavam-se 409 jornaes, dos quaes 230 politicos, numero bastante elevado para um paiz que não tinha tres milhões de habitantes. Hoje os jornaes que alli se publicam excedem o numero de 700, o que dá a media de um periodico para quatro mil habitantes, sendo esta percentagem a maior de todas as nações.

(Continua)

Recehemos e agradecemos:

O n.º 6, 5.ª serie do 9.º anno, (correspondente ao mez de junho de 1903), da interessante revista mensal, que se publica em Braga a *Voz de Santo Antonio*.

Vem illustrado com trez gravuras: Santo Antonio, S. Francisco Solano, e Santissimo Coração de Jesus.

ANNUNCIOS

CARTAS ENCYCLICAS

DE

S. Santidade Leão XIII

5 VOLUMES

Brochado. : 25300 reis
Encadernado. : : 35000 »

A' venda na Typographia do editor José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria, 74—PORTO.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de lamascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.

(1) Adeante contaremos a historia e o mecanismo d'este jornal tão celebre, que é um dos monumentos mais brilhantes da civilização ingleza.